

# Boa Nova para cada dia / outubro 2016

Gonçalo Miller Guerra, s.j. (Semanas)

Marco Cunha, s.j. (Domingos)

**Tempo Comum** – S. Lucas, evangelista / S. Simão e S. Judas, apóstolos

## **Sáb, 1** – SANTA TERESA DO MENINO JESUS (Memória) / 1º SÁBADO

Job 42, 1-3.5.6.12-16 / Slm 118 (119), 66.71.75.91.125.130 / Lc 10, 17-24

A vossa fidelidade põe-me à prova. (Salmo)

Quando alguém nos é fiel também temos tendência para sermos proporcionalmente fiéis. Perante a fidelidade de Deus tendemos a ser completamente fiéis. Tendemos mas o pecado interrompe essa fidelidade. Embora tenhamos que pedir a Deus a graça da fidelidade. Hoje, o leitor veja onde é que acha que tem sido mais fiel a Deus. Hoje, agradeça isso.

## **Dom, 2** – DOMINGO XXVII DO T. COMUM – Ano C

Hab 1, 2-3; 2, 2-4 / Slm 94 (95), 1-2.6-7.8-9 / 2 Tim 1, 6-8.13-14 / Lc 17, 5-10

Continuamos, na sequência dos últimos domingos, à mesa onde Jesus revela aos fariseus a misericórdia do Pai e aos discípulos como viver assim. Agora responde aos apóstolos que Lhe pedem que lhes «aumente» a fé. O Senhor explica-lhes que a fé é como uma semente pequenina, mas com uma força vital. Ter fé é não colocar a esperança nas próprias forças, mas deixar que seja Ele quem age em nós. Só assim poderemos compreender porque é que S. Paulo diz:

«quando sou fraco, então é que sou forte» (2 Cor 12, 10).

Em seguida, o Senhor apresenta uma parábola que nos deixa perplexos: então o servo passa o dia a trabalhar e chega a casa e não merece, pelo menos, uma felicitação? Esta parábola faz a passagem da concretização da fé ao apostolado. Até este momento, neste encontro à mesa com o Senhor, Ele falava com os discípulos e só neste momento se dirige aos apóstolos, isto é, a todos os enviados em seu nome para

O anunciarem ao mundo. São comparados a «escravos», uma comparação que nos desagrada, mas, na verdade, o apóstolo não pertence a si mesmo. Este, por amor, pertence a Deus. Esta escravidão é, paradoxalmente, a máxima liberdade que podemos alcançar para podermos amar verdadeiramente, isto é, estando descentrados das nossas próprias necessidades para que seja o amor de Cristo o nosso centro.

Para os fariseus e doutores da lei, a justiça de Deus significaria uma retribuição segundo os nossos méritos. Defendiam que, já nesta vida e também na vida futura, seríamos recompensados segundo os merecimentos das nossas ações. Mas querer acumular méritos diante de Deus tem escondida uma armadilha mortal: para além de deformar a imagem de Deus, reduzindo-O a um comerciante de amor que nos paga segundo as nossas boas ações, coloca-nos no centro, como protagonistas da nossa salvação, à conquista do Céu. Aparece aqui, disfarçado, um egoísmo espiritual que nos quer convencer que merecemos o Céu.

Se na vida terrena primeiro está o trabalho e depois a

recompensa, para Deus, que é eterno e fora do tempo, é ao contrário: a recompensa já está dada! É a vida eterna, que é a vida em Deus. Esta não se pode perder. A melhor recompensa que podemos receber pelo bem que fazemos, pelo amor que colocamos naquilo que fazemos e somos, é saber que nada do que é feito por amor se perde. Todo o amor fica para a eternidade porque só o Amor é eterno. Agir por amor, amor verdadeiro, que é sempre desinteressado, é sinal visível e eficaz, quase um sacramento, da presença de Deus.

Se agirmos verdadeiramente por amor, colocando o bem dos outros e o amor por Deus em primeiro lugar, que recompensa esperamos que não seja aquela que já recebemos? Jesus não desvaloriza as boas obras. De modo algum! Ele sabe bem o esforço que é necessário para as cumprir, mas quer libertar-nos de uma forma muito perigosa de orgulho, o orgulho espiritual, que ataca aqueles que querem conquistar o reino dos Céus pelas suas forças e até se convencem que merecem o Céu. O Amor é sempre gratuito! Não pode ser comprado!

### **Seg, 3 – SEMANA XXVII DO TEMPO COMUM**

Gal 1, 6-12 / Slm 110 (111), 1-2.4-5.7-9.10 / Lc 10, 25-37

*E quem é o meu próximo? (Evang.)*

O próximo pode ser aquela pessoa em quem ninguém repara; pode ser o segurança de uma loja a quem podemos dar uns segundos de alegria e de satisfação, no meio de um deserto de indiferença, pela maneira como lhe damos bom dia. Pode ser aquela pessoa que temos lá no emprego com quem ninguém fala. Pode ser uma pessoa de família com quem temos uma relação mais tensa ou mesmo de quem não gostamos. O leitor pare e reflita. Quem é que hoje vai ser o meu próximo? Como? (Concretize)

### **Ter, 4 – S. FRANCISCO DE ASSIS (Memória)**

Gal 1, 13-24 / Slm 138 (139), 1-3.13-15 / Lc 10, 38-42

*... uma só [coisa] é necessária. (Evang.)*

Jesus referia-Se à relação com Ele, com o Amor, porque Deus é amor. O leitor já reparou que amar é a única coisa que nos é essencial e a que a vida não nos obriga? A vida obriga-nos a ir ao supermercado, a comer, a viver juntos, a ter um modo de vida. Mas podemos ter uma relação apenas e tão somente utilitária com as pessoas; mesmo dentro da família. Por exemplo, o marido e a mulher podem dedicar-se tanto aos filhos que entre si têm uma relação utilitária. Hoje, o leitor veja que relação utilitária deve mudar para relação de amor.

### **Qua, 5 – SEMANA XXVII DO TEMPO COMUM**

Gal 2, 1-2.7-14 / Slm 116 (117), 1-2 / Lc 11, 1-4

*Pai, (...) venha o vosso Reino. (Evang.)*

O reino de Deus já está entre nós, no nosso coração. Mas está como a semente do arbusto da mostarda, que é uma semente muito pequenina, que tem de se transformar num arbusto frondoso (Mt 13, 31ss). E o que é que o leitor hoje fez (vai fazer) por isso? Trabalhou só para ganhar dinheiro ou para aumentar a obra da criação? Leu alguma coisa que lhe elevou o espírito? Teve um gesto de carinho especial? Nada disso? Ainda vai a tempo!

## **Qui, 6 – SEMANA XXVII DO TEMPO COMUM**

Gal 3, 1-5 / Lc 1, 69-75 / Lc 11, 5-13

*... quanto mais o Pai do Céu dará o Espírito Santo àqueles que Lho pedem! (Evang.)*

O Espírito Santo é a intimidade de Deus transformada numa pessoa divina. Através do Espírito Santo, temos entrada na intimidade de Deus. E porque não diretamente na do Pai ou do Filho? Porque Deus assim quis. O Filho espelha o Pai, o Espírito Santo espelha os dois. O leitor peça o Espírito Santo para saber como estar sereno nas ocasiões difíceis.

## **Sex, 7 – NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO (Memória) / 1ª SEXTA-FEIRA**

Gal 3, 7-14 / Slm 110 (111), 1-6 / Lc 11, 15-26

*Todo o reino dividido contra si mesmo acaba em ruínas. (Evang.)*

A altura da tentação é de divisão mental e emocional. O desfecho, qualquer que ele seja, livra-nos dessa tensão. Se claudicamos, a tensão acabou e os nossos nervos descansaram. Mas a consciência não se calou e continuamos divididos. Este ciclo vicioso pode ser terrível. Pode demorar anos a ser superado. A minha experiência é que Nossa Senhora ajuda muito. O leitor entregue-se-lhe.

## **Sáb, 8 – SEMANA XXVII DO TEMPO COMUM**

Gal 3, 22-29 / Slm 104 (105), 2-7 / Lc 11, 27-28

*Mais felizes são os que ouvem a palavra de Deus e a põem em prática. (Evang.)*

O Cardeal Walter Kasper diz, no seu livro saído recentemente e que aconselho vivamente, «Testemunha da Misericórdia», que temos uma religião aburguesada, no sentido de pouco sensível ao Evangelho. O facto de a maioria de nós não se encontrar face a situações de pobreza ou injustiça gritantes amolece-nos. O leitor faça-se como uma corda de guitarra que vibra ao toque; o toque da palavra de Deus. Hoje medite sobre isso.

## **Dom, 9 – DOMINGO XXVIII DO T. COMUM – Ano C**

2 Reis 5, 14-17 / Slm 97 (98), 1.2-4 / 2 Tím 2, 8-13 / Lc 17, 11-19

«Jesus, Mestre, tem misericórdia de nós», dizem os leprosos. Mais tarde dirá o cego: «Jesus, tem piedade de mim». Esta é a oração do Nome do Senhor, a oração que nos associa a Ele e, invocando-O, nos mete ao caminho com Ele.

Neste Evangelho, continua a subida do Senhor a Jerusalém. Este caminho indica-nos mais do que uma mera mudança de lugar geográfico: indica-nos um percurso espiritual de encontro com o Pai, o qual somos todos chamados a percorrer nesta vida. Mas quem pode subir ao «monte do Senhor»? Só o justo, diz o Salmo 84. Isto significa que o percurso do Senhor não está ao nosso alcance, porque um só é o Justo. Não está ao nosso alcance a capacidade de ir ao encontro do Pai. Não podemos, de nenhum modo, conquistar a salvação.

Porque nos desafia, então, o Senhor ao bem, se este não está ao nosso alcance e só fazemos o mal que não queremos? Jesus é o Peregrino em caminho para o Pai. É Ele o «bom Samaritano» que vem ao nosso encontro e nos cura das nossas feridas. A salvação, que não podemos alcançar por nós mesmos com as nossas forças, é dada a todos. Estes dez leprosos foram

todos curados. Sem distinções. São todos salvos. Eles estão, de facto, no caminho d'Aquele que veio ao nosso encontro para nos salvar, mas só um O reconhece como Salvador. Só um regressa com o coração agradecido. Só um se deixou tocar em profundidade e encontrou o Senhor. Os outros foram curados, mas não aceitaram a salvação.

Dez foram curados, um fez «Eucaristia», que significa «ação de graças». A missão deste é agora manifestar ao mundo a alegria de ter encontrado o seu Senhor, para que os outros nove, que não O reconheceram, o possam fazer e entrar, também eles, na alegria do Senhor.

Os dons de Deus são sempre para que O possamos encontrar e assim passar dos dons ao Dador dos dons. Só em Cristo podemos percorrer o caminho que somos chamados a fazer na subida a «Jerusalém»; só em Cristo podemos subir ao Pai. É na relação com Ele que acolhemos a salvação. A cura da lepra destes dez homens é uma manifestação, é um meio para que eles reconheçam o Senhor, entrem em comunhão com Ele e assim se descubram salvos. É esta a tensão em que vivemos: já fomos salvos pelo Senhor, mas ainda não acolhemos essa

salvação. Nove dos dez não perceberam que, mesmo curados da lepra, morrerão: são como um passarinho dentro de uma gaiola que ainda não percebeu que a porta foi aberta e que lá fora poderá ser livre. Eles têm à sua frente Aquele que os pode libertar, mas não O reconhecem.

Invocando o nome do Senhor, metemo-nos ao caminho com Ele, reconhecendo que não nos podemos salvar, isto é, que só Ele nos pode conduzir para o Pai; só n'Ele podemos reconhecer que fomos salvos e só com Ele poderemos reconhecer que somos filhos de Deus. Livres!

## **Seg, 10 – SEMANA XXVIII DO TEMPO COMUM**

Gal 4, 22-24.26-27.31 – 5, 1 / Slm 112 (113), 1-5a.6-7 / Lc 11, 29-32

*Esta geração (...) pede um sinal, mas nenhum sinal lhe será dado, senão o sinal de Jonas. (Evang.)*

O sinal de Jonas era o sinal da conversão dos habitantes de Nínive. A nossa conversão é que é, entre os homens, o grande sinal da divindade de Deus. Se nós não nos convertêssemos, os milagres de Deus entre nós não seriam credíveis. O contexto da nossa conversão é que dá credibilidade aos milagres de Deus. O leitor está a converter-se ou acha que já está convertido? De que maneira é que o está a fazer?

## **Ter, 11 – SEMANA XXVIII DO TEMPO COMUM**

Gal 5, 1-6 / Slm 118 (119), 41.43.44-45.47-48 / Lc 11, 37-41

*Dai... de esmola o que está dentro e tudo para vós ficará limpo. (Evang.)*

Jesus disse a um fariseu, em casa de quem jantou, a propósito de uma pecadora que lá apareceu: «foram-lhe perdoados os seus muitos pecados porque muito amou» (Lc 7, 47). Foi o grande amor que tinha dentro de si, e que manifestou, que lhe perdoou os pecados. É o nosso amor (Deus dentro de nós) que nos perdoa os pecados. Quem é que o leitor não ama? Nas suas relações. Hoje veja isso.

## **Qua, 12 – SEMANA XXVIII DO TEMPO COMUM**

Gal 5, 18-25 / Slm 1, 1-4.6 / Lc 11, 42-46

*Ai de vós... (Evang.)*

O texto de hoje convida-nos a perceber o que é que temos que converter em nós. Por exemplo, às vezes não o fazemos porque achamos que não somos capazes, por medo de não sermos bem sucedidos e de sofrermos uma humilhação. E esquecemo-nos que exercitar o nosso talento potencial é uma forma de amarmos. Ou, às vezes, não queremos fazer aquelas análises médicas de que temos tanto medo. Etc. Hoje, o leitor veja em que é que Deus lhe diz: «ai de ti».

## **Qui, 13 – SEMANA XXVIII DO TEMPO COMUM**

Ef 1, 1-10 / Slm 97 (98), 1-6 / Lc 11, 47-54

*Deus vai pedir contas a esta geração. (Evang.)*

Normalmente, achamos que Deus só nos pede contas individualmente, mas nós influenciámos um grupo, influenciámos uma ou duas gerações e seremos responsabilizados por essa influência. O leitor tem consciência disso? E qual é a qualidade dessa influência? Pensamos nessa influência ou é completamente espontânea? Com que grupo? Como?

## **Sex, 14 – SEMANA XXVIII DO TEMPO COMUM**

Ef 1, 11-14 / Slm 32 (33), 1.3-5.12-13 / Lc 12, 1-7

*Não temais. Valeis mais do que todos os passarinhos. (Evang.)*

Caro leitor, não tema, porque vale muito mais do que muitos passarinhos. Goze a vida, ame muito, entregue-se a Deus, dê-se a Deus, contribua para o bem da humanidade. O seu corpo está entregue a Deus e ao seu cuidado. O leitor faz o que pode e Nosso Senhor faz o resto. O importante é o leitor viver a vida plenamente nos braços de Deus. Tão plenamente quanto puder. Como é que o leitor vive a sua vida plenamente?

## **Sáb, 15 – SANTA TERESA DE JESUS (Memória)**

Ef 1, 15-23 / Slm 8, 2-3ab.4-7 / Lc 12, 8-12

*Quem tiver blasfemado contra o Espírito Santo não será perdoado. (Evang.)*

A blasfémia contra o Espírito Santo não é propriamente dizermos impropérios contra Ele, mas é uma atitude muito mais séria,

é fecharmos-Lhe o coração com uma certa irritação, ou então porque andamos distraídos, ou não queremos ouvir a nossa vizinha cá dentro, ou não queremos ouvir o mais fundo de nós mesmos. Quando é que o leitor impediu o Espírito Santo de Se relacionar consigo? Está consciente disso?

## **Dom, 16 – DOMINGO XXIX DO T. COMUM – Ano C**

Ex 17, 8-13 / Slm 120 (121), 1-8 / 2 Tim 3, 14 – 4, 2 / Lc 18, 1-8

O Evangelho de hoje tem o seu contexto na pergunta que a Igreja nascente se colocava: «Porque é que o Senhor ainda não veio?». A fé cresce com este desejo de O encontrar na nossa vida, brota da invocação «Maraná tha: vem, Senhor Jesus!» (cf. 1 Cor 16, 22). Sem a presença do Senhor, somos todos como a viúva, privados da presença do Esposo.

É preciso rezar sempre, sem desistir, sem desanimar. Esta passagem parece sugerir que para que Deus ouça a nossa oração é necessária a insistência da nossa parte. Na realidade, o Senhor comporta-Se como se não escutasse porque quer ouvir a nossa voz. Diz-nos Jesus que Deus escuta sempre a nossa oração e que nos fará sempre justiça. Mas se é verdade que a oração é sempre escutada por Deus, para reconhecermos os seus efeitos precisamos de fé.

O reino de Deus é um dom que precisamos de pedir com

insistência. Não somos nós que o produzimos, ele é dado como dom e somos todos chamados a acolher este dom! Mas só o podemos acolher se o esperarmos. E só o podemos esperar se o desejamos. A oração, em especial a oração insistente, abre em nós espaço para podermos receber o Senhor na nossa vida.

O Senhor dá-nos a certeza de que a nossa oração é sempre escutada por Deus. Ele dá-nos sempre aquilo de que temos necessidade, mas o facto de a oração ter sido escutada por Deus não significa imediatamente que receberemos aquilo que pedimos. O grande dom da oração é o facto de estarmos a rezar! O grande dom da oração é a comunhão com Deus: é este o fruto sempre conseguido da nossa oração!

Ora, acontece que tantas vezes pedimos coisas a Deus e não as recebemos. Mas, se uma criança pede à sua mãe uma faca para brincar, será que ela a

dá? Mesmo que a criança considere que a faca é uma coisa boa, a mãe sabe que não é. Em vez de uma faca dá-lhe uma bola. Ora, Deus escuta sempre a nossa oração, mas só Ele sabe o que é de facto melhor para nós e para a Vida Verdadeira. Ele nunca Se esquece que nesta vida somos todos peregrinos. Que não é esta a nossa morada definitiva. Deus escuta sempre a nossa oração. Esta nunca é desperdiçada. Deus escuta-nos e dá-nos sempre muito mais do que aquilo que pedimos. Se calhar, até pedimos que nos cure o corpo e Ele cura-nos o espírito, dando-nos fortaleza.

Rezemos sempre, mas sempre prontos para receber alguma coisa muito mais importante do que aquilo que pedimos. Deus é verdadeiramente grande e quer dar-nos coisas grandes. Um coração pequeno e apertado, com vistas curtas e de horizonte estreito, pode não

ver a imensidão daquilo que Deus lhe quer dar.

Sabemos nós realmente o que é mau? A cruz é má? Cristo veio ao mundo para nos libertar do mal. Como o fez? Passando pela cruz, tornando-a assim num sumo bem. A lógica de Deus é «escândalo para os judeus e loucura para os gentios».

Às vezes, vamos para a oração e pensamos: «mal não faz» ou então pedimos uma vez e desistimos logo. Ora, se é verdade que Deus escuta sempre a nossa oração e nos dá sempre aquilo de que mais precisamos para atingir o fim para que viemos a este mundo, insistir abre o nosso coração à sua graça, prepara-nos para receber a graça que pedimos. Insistindo, dizemos a nós mesmos e ao Senhor: eu confio em Deus; só Ele sabe o que é melhor; tenho fé no Senhor. Esta é a verdadeira oração e o seu fruto mais precioso.

## **Seg, 17 – SANTO INÁCIO DE ANTIOQUIA (Memória)**

Ef 2, 1-10 / Slm 99 (100), 2-5 / Lc 12, 13-21

*... a vida de uma pessoa não depende da abundância dos seus bens. (Evang.)*

A nossa vida está, de facto dependente de muitos bens. O leitor pense como é que ficava se Deus lhe pedisse que desistisse da televisão e dos seus livros. Ou do seu moderno telemóvel. Outras pessoas, é de umas boas refeições. Muitas pessoas são completamente dependentes das notícias. É pelo menos

bom percebermos que há coisas a que estamos visceralmente agarrados. Hoje, peço ao leitor que tome consciência daquilo que lhe custaria horrores deixar.

## **Ter, 18 – S. LUCAS, EVANGELISTA (Festa)**

2 Tím 4, 2-17b / Slm 144 (145), 10-13.17-18 / Lc 10, 1-9

*Enviou-os (...) à sua frente a todas as cidades e lugares aonde havia de ir. (Evang.)*

Às vezes, nós também temos uma função precursora, também revelamos aos outros uma faceta de Deus que os outros passam a integrar na sua vida espiritual, e isso acontece tanto mais quanto mais rica for a nossa vida espiritual, embora tenhamos que ter cuidado porque temos sempre que partir da realidade do outro. Temos que partir da relação que o outro tem com Deus e não impor-lhe a relação que temos com Deus. O leitor peça essa graça e essa delicadeza.

## **Qua, 19 – SEMANA XXIX DO TEMPO COMUM**

Ef 3, 2-12 / Is 12, 2-6 / Lc 12, 39-48

*... a quem muito foi dado, muito será exigido. (Evang.)*

Já sabemos que será exigido do talento que nos foi dado. Mas podemos não produzir por não confiarmos nele. No entanto, não é por isso que devemos deixar de batalhar. Não podemos ser complacentes para com as nossas inseguranças. Temos que dar graças a Deus por todas as nossas características e pô-las a render. Com avanços e recuos, mas parados é que não. Sempre de mãos dadas com Deus. Hoje, o leitor medite em alguma característica que ainda não teve coragem para desenvolver.

## **Qui, 20 – SEMANA XXIX DO TEMPO COMUM**

Ef 3, 14-21 / Slm 32 (33), 1.3-5.11-12.18-19 / Lc 12, 49-53

*... e estou ansioso até que ele se realize. (Evang.)*

Penso que Jesus estava ansioso no sentido de querer que aquilo que temia chegasse depressa. Sabemos que, no horto, depois de rezar ao Pai e de, mais uma vez, se dispor a fazer o que o Pai queria, a ansiedade desapareceu. Às vezes, essa ansiedade vem

de não estarmos abertos ao que achamos ser a vontade de Deus; e aí podemos falar com Deus como Jesus fez, que a certa altura Jesus nos mandará o seu anjo para nos confortar (cf. Lc 22, 43).

## **Sex, 21 – SEMANA XXIX DO TEMPO COMUM**

Ef 4, 1-6 / Slm 23 (24), 1-6 / Lc 12, 54-59

*... esforça-te por te entenderes com ele no caminho. (Evang.)*

Eu esforço-me por me entender com o outro quando tento perceber a lógica do seu raciocínio e o sentido das suas emoções, quando o ouço até ao fim, quando à mesa não interrompo a conversa que está a ter com outras pessoas, quando demonstro respeito por ele, quando sou educado, sensível. O leitor demonstra respeito pelo seu semelhante? Mesmo por aquele que o irrita?

## **Sáb, 22 – SEMANA XXIX DO TEMPO COMUM**

Ef 4, 7-16 / Slm 121 (122), 1-5 / Lc 13, 1-9

*E se não vos arrependerdes, morrereis todos do mesmo modo. (Evang.)*

Às vezes, temos que nos arrepender de uma rotina sem imaginação, sem esforço por inovar, sem frescura, sem criatividade, sem rasgo. Nós podemos fazer de uma ida ao dentista um ato de amor. Já pensou que bom é para o dentista ter ali uma pessoa bem disposta e colaborativa? É a nossa maneira de o amarmos. Às vezes, é muito difícil, para algumas pessoas, ir ao dentista. Ponha a sua imaginação a funcionar para situações concretas. Hoje medite sobre isso, uma situação concreta.

## **Dom, 23 – DOMINGO XXX DO T. COMUM – Ano C**

Sir 35, 15b-17.20-22a / Slm 33 (34), 2-3.17-19.23 / 2 Tim 4, 6-8.16-18 / Lc 18, 9-14

### ***Dia Mundial das Missões***

Insistindo sobre a importância da oração na nossa vida, o Evangelho do Domingo passado terminava deixando a questão se o Filho do Homem encontrará a Fé sobre a terra quando voltar.

Esta é a arquitrave da entrada do Céu, mas a fé é suportada pela humildade e pela oração.

Continuando a subida para Jerusalém, o Senhor quer mostrar-nos como, tantas vezes,

estamos convencidos da nossa salvação e da nossa justiça. Na verdade, a presunção da nossa bondade exclui-nos da salvação. Assim, o Senhor apresenta-nos dois modelos de oração: o do fariseu e o do publicano. O primeiro, convencido da sua justiça, reza muito seguro da sua bondade, justificando-se a si mesmo e condenando os outros como pecadores. O publicano, por outro lado, sabe que é pecador, sabe que não pode confiar em si e nas suas forças e, por isso, acusa-se diante de Deus e pede o seu perdão.

Estas duas personagens que S. Lucas nos apresenta indicam, a primeira, a impossibilidade da salvação e, a segunda, a única possibilidade de salvação. O fariseu, convencido de que é justo, tem diante de si o publicano, um pecador. De facto, o primeiro cumpre a lei, as regras, os mandamentos e todos os preceitos. É, diante dos homens e diante da lei, um homem justo. Mas a Bíblia não começa pela lei, mas pela criação de uma vida bela, paradisíaca. Esta supõe um diálogo livre entre os homens e Deus. No Antigo Testamento, vemos como a relação entre Deus e o seu povo é construída sobre o diálogo: Deus fala ao seu povo.

Observar a lei, então, é escutar e respeitar a palavra de Deus.

O risco é desligar a palavra d'Aquele que é a Palavra, é cair no legalismo, esquecendo o fundamento da Lei, o amor. É isto que o fariseu representa: o cumprimento de leis e preceitos, esquecendo o seu fundamento, fazendo com que a religião se transforme num moralismo estéril. Diz S. Basílio que os mandamentos são como as estrelas que conduzem os marinheiros durante a noite, até ao momento em que brilhará o Sol-Cristo. O Senhor condena aquele que se considera justo e justifica aquele que se sabe pecador porque o primeiro esqueceu-se da razão de ser de toda a justiça: o Amor a Deus e ao próximo.

Jesus mostra aos seus discípulos que, sem a humildade, a oração é feita diante de nós mesmos e não diante de Deus. Sem a humildade, acabamos por depositar toda a confiança em nós mesmos e nas nossas forças e não em Deus. Sem a humildade, a nossa oração transforma-se em presunção. A grande diferença entre uma pessoa que se reconhece pecadora e uma outra que se considera justa é que a primeira aceita ser salva enquanto que

a segunda quer salvar-se a si mesma, quer merecer a salvação e acaba por não aceitar a gratuidade da salvação. Hoje, o Senhor convida-nos a identificarmo-nos com o fariseu para que, reconhecendo a nossa pre-

sunção, possamos fazer a oração do publicano, que é a oração daquele que se reconhece pecador e sabe que não se pode salvar a si mesmo, pedindo-Lhe que venha em nosso auxílio.

## **Seg, 24 – SEMANA XXX DO TEMPO COMUM**

Ef 4, 32 – 5, 8 / Slm 1, 1-4.6 / Lc 13, 10-17

*... todos os seus adversários ficaram envergonhados... (Evang.)*

A perspetiva de se passar por uma vergonha funda, por uma humilhação, é das coisas que mais arrepios nos dá. Todos nós fugimos a sermos envergonhados, mas muitos de nós passamos por aquela maldição que é, a partir de certa idade, já não passarmos por nenhuma vergonha, o que normalmente nos torna egocêntricos e bastante egoístas, porque rodeados de gente que só nos tece loas. Hoje, o leitor peça a Deus que nunca se feche no seu egocentrismo. (E talvez alguma humilhação...)

## **Ter, 25 – SEMANA XXX DO TEMPO COMUM**

Ef 5, 21-33 / Slm 127 (128), 1-5 / Lc 13, 18-21

*... fermento que uma mulher tomou e misturou (...) até ficar tudo levedado. (Evang.)*

Nós temos que crescer com o fermento de Deus. Nós temos que crescer. (Crescemos em alguma coisa, em relação ao ano passado?) O aperfeiçoamento é o que nos faz amar melhor. A nossa missão neste mundo é amar. Nós somos fermento para amarmos. Amar é muito mais do que amar a família, é o amor universal, o amor ao próximo, o amor ao que fazemos, o amor ao criarmos alguma coisa... O leitor, o que é que cria com o seu amor?

## **Qua, 26 – SEMANA XXX DO TEMPO COMUM**

Ef 6, 1-9 / Slm 144 (145), 10-14 / Lc 13, 22-30

*«Não sei donde sois.» (...) «Comemos e bebemos contigo e tu ensinaste nas nossas praças»». (Evang.)*

O convívio com Deus não é garantia de coisa alguma; tem que haver um «intercâmbio de corações». Se a nossa caridade não vai aumentando periodicamente, não se vai refinando, não se vai tornando mais sensível, é porque a nossa oração é infrutífera, sem consequências para a vida eterna – nossa e das pessoas que contactam connosco. O leitor pense, em relação ao ano passado, em que é que a sua caridade se modificou?

## **Qui, 27 – SEMANA XXX DO TEMPO COMUM**

Ef 6, 10-20 / Slm 143, 1.2.9.10 / Lc 13, 31-35

*Jerusalém (...) quantas vezes Eu quis reunir os teus filhos, como a galinha recolhe os pintainhos debaixo das suas asas! (Evang.)*

Hoje, contemplemos Jesus cheio de carinho pelos filhos de Israel, Jesus que Se compara a uma galinha reunindo os filhos debaixo das suas asas. Deixemos que Jesus nos abrace com um carinho tremendo. Hoje, o leitor sente-se com Jesus. Onde quiser. À beira mar, num banco de jardim, à lareira, num sofá de sua casa, etc., e deixe-se estar. Deixe-se estar só assim, sem necessidade de dizer palavras. Sem mais.

## **Sex, 28 – S. SIMÃO E S. JUDAS, APÓSTOLOS (Festa)**

Ef 2, 19-22 / Slm 18 A (19 A), 2-5 / Lc 6, 12-19

*Escolheu doze dentre eles (...). ... saía d'Ele uma força... [Evang.]*

Isto também acontece connosco. Jesus escolheu-nos e de Jesus sai uma força que nós sentimos quase impercetivelmente. Se, de repente, Jesus desaparecesse da nossa vida, nós sentíamos um grande vazio, ficávamos sem a força de Jesus, sem a sua suave presença. Somos, pois, escolhidos e recetáculos da presença de Cristo. Resta-nos levá-Lo aos outros. A que outros é que o leitor leva Cristo? Como? A quem mais O poderia levar?

## **Sáb, 29 – SEMANA XXX DO TEMPO COMUM**

Filip 1, 18b-26 / Slm 41 (42), 2-3.5 / Lc 14, 1.7-11

*Quem se exalta será humilhado. (Evang.)*

A verdadeira exaltação vem do quanto amamos, o que quer dizer que vem de Deus. Não há outra que seja verdadeira. Tudo o resto é autoexaltação. Deus tem umas maneiras bem especiais de nos exaltar. Pensemos como “exaltou” Cristo e Nossa Senhora durante as suas vidas na terra. É para isso que temos que estar preparados. Estar preparados para fazer face às humilhações e não claudicarmos na nossa missão. O leitor reze sobre isto, que é muito difícil.

## **Dom, 30 – DOMINGO XXXI DO T. COMUM – Ano C**

Sab 11, 22 – 12, 2 / Slm 144 (145), 1-2.8-11.13cd-14 / 2 Tes 1, 11 – 2, 2 / Lc 19, 1-10

Diante de algumas palavras duras de Jesus, os discípulos perguntaram ao Senhor quem poderia salvar-se. Ele respondeu que a salvação é impossível aos homens, mas «o que é impossível aos homens é possível a Deus» (cf. Lc 18, 25-27).

O Evangelho de hoje, em conjunto com a parábola do Samaritano e do Pai misericordioso, pode ser considerado com um «evangelho dentro do Evangelho» porque apresenta os elementos fundamentais da Boa Nova. No encontro com Jesus realiza-se em Zaqueu a salvação, impossível para ele, mas «possível a Deus».

Diante da impossibilidade de alcançarmos a salvação, o que fazer? No centro desta passagem, encontramos o desejo de Zaqueu de ver o Senhor e o olhar que Ele lhe dirige. Zaqueu é o «insalvável» por definição:

rouba aos pobres para dar aos ricos. É um pecador público. Este homem, perdido para lá de toda a esperança, deixa-se conduzir pelo desejo de ver o Senhor e encontra Aquele que veio para os que estão perdidos.

S. Lucas faz-nos percorrer um caminho que nos conduz da convicção da nossa justiça ao reconhecimento do nosso pecado. A única coisa necessária para a salvação é a consciência de que somos «insalváveis», isto é, pelas nossas forças não nos poderemos salvar a nós mesmos. O reconhecimento da própria miséria e do próprio pecado abre em nós a possibilidade de encontrarmos a misericórdia do Senhor que passa.

Zaqueu é o exemplo de que a salvação não é um prémio para os justos, mas um encontro com o Senhor que é misericórdia. A condição para ade-

rir a Cristo não é a santidade prévia, mas o reconhecimento do nosso pecado. Ele veio para os pecadores e foi no reconhecimento da sua fragilidade que Zaqueu se abriu definitivamente à possibilidade deste encontro.

S. Lucas insiste muito que a presunção da nossa justiça é o único impedimento para aderir ao Senhor. O dom da salvação não é conquistado, mas aceite. A salvação entra na casa de Zaqueu porque Ele encontrou o Senhor. Muitas vezes, pensa-

mos que o Senhor só entrará na nossa vida se formos santos e irrepreensíveis. Não é assim. Seremos santos e irrepreensíveis se O deixarmos entrar na nossa vida!

O Evangelho de hoje termina com o «programa de vida» de Jesus: «o Filho do Homem veio procurar e salvar o que estava perdido». A sua missão é dar a salvação a todos os que estão perdidos, a começar pelos últimos, pelos mais pequeninos. Cristo veio ao mundo para salvar os pecadores (cf. 1 Tm 1, 15).

## **Seg, 31 – SEMANA XXXI DO TEMPO COMUM**

Filip 2, 1-4 / Slm 130 (131), 1-3 / Lc 14, 12-14

*Quando ofereceres um banquete convida os pobres, os aleijados, os coxos e os cegos.*  
(Evang.)

O nosso raciocínio é este: com o dinheiro que gasto no banquete, posso ajudar mais gente com os bens essenciais. Não é bem esse o raciocínio de Jesus. Mas a nós não nos passa pela cabeça dar *filet mignon* aos pobres. Nem uma camisa de cem euros. Não, «eles não sabem apreciar». Normalmente, o presente tem mais a ver com a pessoa a quem o damos. Não parece ser esse o critério de Cristo. Mas o critério de Cristo raramente é o nosso.